

A DIDÁTICA DOS CÓRDEIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

José Batista de Lira Neto¹

Universidade Estadual da Paraíba

Este trabalho permeia sobre discussões a cerca da história da didática dos cordéis. Buscando nas suas raízes lusitanas seu caráter construtor de saberes históricos. Mas também, o resultado do seu uso nas dimensões do popular brasileiro, por muitas vezes alfabetizador. Valorizando assim seus poetas, isto é, seu principal nome do que diz respeito à História Paraibana e a História geral do cordel em si. Discute sobre as metodologias usadas para o emprego do cordel em sala de aula, desde a leitura coletiva, até a produção dos mesmos pelos alunos. E defende de forma sucinta a construção do saber pelos alunos através da produção dessa ferramenta, proposta esta que dialoga na construção do educador artista. O educador deve dialogar o saber literário, o saber histórico e o saber da arte, para que se possa construir conhecimentos históricos a partir da arte. Ao final mostra o resultado destas produções de cordéis em sala como proposta no processo de ensino aprendizagem. Alcançado pelo PIBID-UEPB Campus I na Escola Estadual Senador Argemiro de Figueiredo - Polivalente.

Palavras-chave: Arte; Cordéis; Educador; História; Saberes.

¹ Discente do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande, netolira@live.com.

Introdução

O cordel é uma produção artística literária popular, que até os dias de hoje possuía grande ênfase. Por muitas vezes não lhe atribuído seu papel de construtor de saber ou por muitas vezes de portador de saber. Buscarei então nas suas raízes lusitanas este papel para demonstrar de forma sucinta que o cordel pode dialogar seus saberes para serem utilizados como recurso didático no ensino de História em sala.

Metodologias serão discutidas de forma que o leitor desse trabalho possa construir em seu próprio interior métodos de uso para o cordel em sala. Mas dando ênfase a produção de cordéis em sala que o foi o resultado desta pesquisa. Coloca-se em pratica então através do cordel o saber popular, o saber do aluno e o saber do professor. E com tudo isso a construção do saber histórico para o ensino da disciplina de História através da arte.

Dialogando sobre a história da didática dos cordéis

O folheto de cordel tem sua origem lusitana. Resultado das narrativas dos romancistas do século XVI-XVII. Narravam-se grandes e pequenos fatos, muitas vezes conotando características do cotidiano das classes mais humildes, ganhando assim um caráter popular. Através dessas poesias em versos a informação era divulgada, só com advento do jornal que sua produção decaiu, mas não foi extinta e até os dias atuais perdura. O nome cordel vem de Portugal, pois eram colocados folhetos presos em um cordel, para serem vendidos.

Estas “folhas volantes” ou “folhas soltas”, de certo em impressão muito rudimentar ou precária, eram vendidas nas feiras, nas romarias, nas praças ou nas ruas; nelas registravam-se fatos históricos ou transcrevia-se igualmente poesia erudita. (BATISTA, 1977, p. III)

A partir deste pressuposto já começamos a entender o papel de reprodutor de conhecimento histórico do cordel. Este que era responsável pela preservação dos fatos

históricos. Estes podiam ser de relevância ou até mesmo tradicionais, mas todos de forma erudita, pois como todo “jornal arcaico” devia demonstrar-se capaz de transportar a informação de forma erudita.

E estes “cordéis” trazidos pelos colonos foram o que incentivaram a criação do cordel arcaico do Brasil. E o Brasil mesmo que indiretamente lhe atribui esse nome. O cordel como conhecemos hoje só veio surgir no Brasil no final do século XIX com o mesmo objetivo do lusitano, disseminar a informação. Se popularizou no Nordeste e no Sul, sendo que mais no Nordeste. No Nordeste atingiu caráter popular e por isso, mesmo com a chegada do jornal, ele perdurou, como erudição do povo sertanejo, que em grande parte era analfabeto, tornando-se assim o “Jornal do Sertão”.

Quando ainda não havia²
O rádio e a televisão
E os jornais não chegavam
Pra toda população
O folheto de CORDEL
Era o JORNAL DO SERTÃO

Este “jornal” era a fonte de repercussão do pensamento coletivo, das manifestações populares. Mas não só jornal, este era o “Professor Cordel”, pois muitos lhe atribuíram a capacidade através da sua repercussão perante as classes populares, de alfabetizar. Numa sociedade em que o livro era raro e os alfabetizados eram poucos o Cordel possuía esta capacidade, pois ele era uma das poucas fontes, algumas vezes a única fonte, do que estava a acontecer na sociedade daquela época.

Instrumento de comunicação, alargou-se depois à divulgação dos fatos acontecidos, coisas que a população não poderia ter conhecimento senão por esta forma. Rádio não existia; jornal era raro. Quando chegava, levado dos grandes centros – Recife ou Fortaleza, por exemplo – com o atraso normal dos meios de transporte de então, já o folheto se antecipava na irradiação do fato. Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares, em parte como ainda hoje sucede. (BATISTA, 1977, p. XVII)

² As estrofes são da autoria de Arievaldo Viana e estão no CD do projeto ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA, na voz dos cantadores Geraldo Amâncio e Zé Maria de Fortaleza.

O “Professor Cordel” era capaz de demonstrar fatos históricos e este além de alfabetizador era interdisciplinar, pois também possuía caráter didático histórico. E com o discurso da busca de novas metodologias para o ensino de História, esse saber popular de disseminação de fatos históricos pode ser resgatado e utilizado em sala de aula. Além de ser patrimônio histórico cultural da Paraíba.

A Literatura de cordel, no Brasil, como a conhecemos, surgiu na Paraíba, há mais de cem anos. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) deu o impulso inicial e, ainda hoje, é considerado o maior autor do gênero. Poeta de muitos recursos, Leandro adaptou para o Cordel desde lendas sertanejas até histórias das *Mil e uma noites*. Definiu, assim, o caminho que outros poetas trilhariam. José Camelo de Melo Resende (1885-1964), seu discípulo, é autor do maior sucesso editorial do Cordel em todos os tempos, o *Romance do pavão misterioso*. (VIANA, 2008, p. 6)

O maior representante da história do cordel é um Paraibano nascido em Pombal. Leandro Gomes de Barros escreveu muitas vezes sobre fatos históricos. Como por exemplo: *As aflições da Guerra da Europa; Os coletores da Great Western, A crise atual e o aumento do selo, A Vida e os sermões de Padre Cícero; O enterro da política*. Entre outros, que além de ter sua função para didática também resulta na valorização do patrimônio cultural Paraibano.

Usado para alfabetizar e usado para reprodução de conhecimento histórico o “Professor Cordel” pode ser utilizado em sala com grande papel didático.

Muita gente o aprecia
Nas camadas populares
Porque leva informação
E divertimento aos lares
É cultura que resiste,
Forte, apesar dos pesares.

– Conheço muitos lugares
Nos cafundós do sertão
Onde o cordel é usado
Para a alfabetização
É o Professor Folheto
Herói da educação.

Métodos para uso do cordel em sala

Por muitas vezes buscamos o papel ou o dever da escola na construção dos saberes dos educandos. Buscamos mas não encontramos meios de colocar em prática.

Através da arte podemos ir além e é por isso que enfatizo o uso de cordéis em sala de aula. Pois a arte popular e o conhecimento popular, que pode ser produzido pelo educando, muitas vezes não encontra na escola apoio para sua produção. Pois por muitas vezes buscam a veracidade das fontes científicas. Mas o cordel como expressão de saberes populares pode abrir as portas para isso. Se considerarmos o aluno como um produtor de arte/saber podemos ir de acordo com ARAÚJO:

Nesse sentido, os folhetos de cordel são elementos importantíssimos [...] visto como não científico, pois os cordéis apresentam e também representam o pensar e o agir do poeta popular frente ao mundo que o cerca. Por isso, como trazem em si marcas de valores, atitudes e linguagem de quem os produziu, os folhetos de cordel são um rico material para a compreensão do mundo de educar desse artista. (ARAÚJO, 2007, p. 166)

A compreensão do mundo do educar pelo artista, isto é, coloco como a compreensão da educação que está sendo conotada ao aluno como visão do que está aprendendo em sala. Esta visão está sendo defendida, pois acredito que com a produção dos cordéis pelos alunos o assunto pode ser aprendido de uma forma mais lúdica e ainda reflexiva, pois através das rimas do cordel o aluno demonstrará seu saber ou sua interpretação de mundo incluindo o tema aprendido em sala. Assim, para ARAÚJO:

Ao produzir conhecimentos sobre a história e a cultura da sociedade nordestina e também brasileira, o cordel é um rico material didático que favorece o ensino aprendizagem nas disciplinas escolares, tendo em vista seu teor pedagógico, além da linguagem e da forma como aborda questões inerentes a essa realidade. (ARAÚJO, 2007, p. 166)

Nas discussões de como utilizar o cordel em sala por muitas vezes se defende como a mais adequada a leitura coletiva.

O mais adequado ao se trabalhar com o cordel é a leitura coletiva, no qual os alunos realizariam a leitura dos folhetos em voz alta. Esse procedimento estimula a participação dos alunos nas aulas, sendo uma alternativa ao “modelo tradicional”, onde o professor é a “voz única” na sala. Além do mais, tal prática vai ao encontro da própria tradição do cordel, em que uma linguagem escrita vai sendo transmitida por meio de leitura a uma linguagem oral. (LACERDA, 2010, p. 227)

Mas não só a leitura coletiva que serve perfeitamente para quebrar a concepção de “voz única”. E sim, também a produção de cordéis pelos alunos. O professor deve além de educador também ser um artista. Buscar nas artes maneiras lúdicas de

conquistar os alunos. Pois nas artes também se dialogam saberes e estes saberes são muito importantes em sala.

A partir do momento em que o professor compreende que os folhetos de cordel têm rimas nos formatos de sextilhas, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimando entre si (ABCBDB). Se torna muito fácil a produção destes. Pois nem que só se tenha um pouco de arte dentro de si, qualquer pessoa pode elaborar rimas e com isso fazer um belo cordel.

E com essa produção de cordéis o próprio aluno estará construindo conhecimentos. Onde através do popular ele poderá demonstrar seu saber, sua visão de mundo, o que está sendo apreendido do conteúdo aprendido em sala. E com isso futuramente usá-los em outras oportunidades como recursos didáticos, se os mesmos forem guardados na biblioteca da escola. E com isso ainda possa se descobrir como poeta.

O cordel, como conteúdo de aprendizagem, incorpora diferentes faces de uma realidade vista pela ótica de quem a produziu, o poeta de cordel. Os folhetos contribuem para que os sujeitos aprendentes façam uma articulação entre a abordagem textual da poesia e a realidade vivenciada por eles. Ele educa através da rima, e do lúdico. É uma alternativa de ensino-aprendizagem e de aquisição do conhecimento. O tipo de conteúdo que permeia os folhetos precisa ser associado ao espaço escolar... (ARAÚJO, 2007, p. 207)

Realmente este saber que permeia os folhetos deve-se adentrar ao espaço escolar. Pois a partir do momento que o aluno compreende que o cordel é uma construção de um saber feito pelo popular. Ele perde o medo de demonstrar sua opinião ou seu conhecimento sobre determinado assunto. E, além disso, percebe que ele próprio pode produzir conhecimento e que não só o professor é dotado de saber. Mas ele também o possui e como poeta pode o demonstrar de uma forma mais bonita.

Araújo (2007, p. 210): “A educação é um meio de construção de mundos, e a escola é uma instituição cultural por onde circulam sujeitos culturais, produtores de cultura”. De acordo com essa afirmação e da concepção de cultura. Podemos ver que com a produção de cordéis a escola se afirmar-lhe-á ainda mais como “instituição cultural”. Pois com todas essas ferramentas que estão localizadas na cabeça dos educandos, podemos construir educadores artistas.

Resultados

De acordo com o que já se foi discutido nesse trabalho venho demonstrar-lhes como resultado a iniciativa do PIBID-UEPB Campus I no que permeia a produção de cordéis em sala de aula. A atividade foi proposta a partir do conteúdo que estava sendo estudado em sala (Vinda da Família Real), que também utilizou-se do cinema em sala, com o filme Carlota Joaquina (1995) para aprofundar ainda mais o entendimento dos alunos sobre o assunto tratado e após o término do conteúdo apresentamos para estudo dos alunos as métricas para a produção dos cordéis. E como se aproximava o mês de novembro em que se comemora o dia da Consciência Negra e já estava se concluindo a produção destes cordéis, resolvemos propor a produção de cordéis também de temáticas africanas que posteriormente foram utilizados em uma palestra proposta pelo projeto. Iniciou-se no dia 16 de outubro de 2012 e encerrou-se no dia 06 de novembro de 2012. Na Escola Estadual Senador Argemiro de Figueiredo – Polivalente.

Tivemos como resultado uma produção vasta de literaturas de cordeis, com uma historicidade muito bem empregada. Cordeis feitos pelos alunos que atribuíram ao conteúdo histórico aprendido em sala, valores culturais e históricos que eles só obteriam através da interdisciplinaridade entre fonte histórica, fonte cinematográfica e produção literária de cordeis. Além de demonstrar que a produção de cordel pode servir de suporte ao docente, pois através dela pode-se adquirir um resultado mais abrangente.

Para reforçar, demonstrarei trechos dos cordéis que foram produzidos. Diego de Oliveira Gomes, Amanda Beatriz, João Flor e Maxsuel Lima, foram responsáveis pelo Cordel, *Um Guerreiro, Uma Deusa, O Destino*³. Com temática da história afro-brasileira. Pois, de acordo com a Lei Federal nº 10.639 – 09 de Janeiro de 2003, que altera a Lei Diretrizes e Bases da educação (LDB) e instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Com isso os professores tem por obrigação quebrarem seus próprios preconceitos e quebrar os preconceitos dos alunos em relação ao que se conta da África.

Karé o Osun!
Dizem Yorubás
Negros que vivem do Oxum
Cultuando seus Orixás.

³ <http://pibidhistoriauepb.wordpress.com/2012/12/23/cordel-um-guerreiro-uma-deusa-o-destino/>

É na África que começa
Uma historia encantada
De uma família africana
Que de lá se originava
Construindo a tradição
Dos deuses que cultuava.

Na época da escravidão
Muitos tinham a temer
Aos deuses pediam proteção
Na fé diziam: Karé o Osun!
O Deus sua prece ia atender
A eles ia dar a salvação.

Mas a mãe não conseguia entender,
Oxum, Ogum e Iemanjá
Os orixás estavam a proteger,
A família pedia a Oxalá
A paz que acabara de perder
Pois o pai estava em alto mar.

O forte guerreiro Yorubá
Negro, filho de Iemanjá
Escravizado tinha sido
Deixou mulher e filho
Aos cuidados dos Orixás,
Ao Brasil estava vindo!

E o cordel “*A Família Real*”⁴ feito por: Thais Danielle, Lourdes Alves, Paloma Souza e Lizandra Melo.

1- Napoleão o imperador
Criou o Bloqueio Continental
Queria impedir o comercio
Entre Inglaterra e Portugal
Quem o desrespeitasse
Da França seria rival.

2- A realeza reunida
Conversando em Portugal
Tentaram estratégias
Mas nada combatia o mal
Deixaram tudo pra trás
Fugiram da sua terra Natal.

⁴ <http://pibidhistoriauepb.wordpress.com/2012/12/26/cordel-elaborado-por-alunos-da-escola-estadual-argemiro-de-figueiredo-atraves-de-um-projeto-do-pibid/>

3- O problema era grande
Tinha que ter a solução
Alguém tinha que resolver
Sobrou pra D. João
Decidiu vir para o Brasil
E preparou a embarcação.

4- A viagem foi difícil
Os navios todos lotados
As pessoas que ficaram
Estavam todos revoltados
Queriam ir com a realeza
Mas em Portugal foram deixados.

5- Ao entrarem no navio
Muitos problemas passaram
As condições eram mínimas
Estavam todos apertados
Não cabia mais ninguém
Estavam todos empresados.

6- Chegaram todos no Brasil
Todos sujos e piolhentos
Carlota Joaquina estava com ódio
Chamou os negros de nojentos
Não gostava desse povo
E dizia “aí que tormento”!

Considerações finais

Podemos concluir que a produção de cordéis em sala pode acarretar em belos resultados. E que a discussão sobre o caráter de construção do saber pelo educando, pode ser alcançado através desse método. E que o cordel como saber popular tem um papel de alfabetizador e transmissor de conhecimento histórico. Pois desde os primórdios de sua criação ele já estava conotado dessa característica.

E que o professor além de educador deve adentrar no campo da arte, para que se possa descobrir artistas/poetas por meio do ensino lúdico e interdisciplinar. Resultado este que como já foi citado pode ser alcançado através da produção de cordéis. Pois acima de qualquer coisa o professor tem o dever de conscientizar a prática da “leitura do mundo” do aluno, que de uma forma mais interativa pode se tornar arte.

Referências

LACERDA, Franciane Gama ; MENEZES NETO, Geraldo Magella . Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula. Outros Tempos, v. 7, p. 217-236, 2010.

ARAÚJO, Patricia Cristina de Aragão. A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de Saberes. João Pessoa, 2007.

VIANA, Arievaldo. Literatura de Cordel e Escola. Tv Escola (MEC), 2008.

BATISTA, Sebastião Nunes. ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL. Fundação José Augusto, 1977.

<http://pibidhistoriauepb.wordpress.com/2012/12/26/cordel-elaborado-por-alunos-da-escola-estadual-argemiro-de-figueiredo-atraves-de-um-projeto-do-pibid/> Acessado no dia 01/10/2013

<http://pibidhistoriauepb.wordpress.com/2012/12/23/cordel-um-guerreiro-uma-deusa-o-destino/> Acessado no dia 01/10/2013